

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

GIDEONI SALVIANO DA SILVA

ARTE E POLÍTICA EM GOD CONTROL – MADAME X

MACEIÓ – AL

2022

GIDEONI SALVIANO DA SILVA

ARTE E POLÍTICA EM GOD CONTROL – MADAME X

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Jornalismo, do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Victor de Almeida Nobre Pires

MACEIÓ – AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586a Silva, Gideoni Salviano da.
Arte e política em God Control - Madame X / Gideoni Salviano da. –
2022.
52 f. : il. color.

Orientador: Victor de Almeida Nobre Pires.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 47-49.
Anexo: f. 50-52.

1. Performance. 2. Madonna. 3. Videoclipe. 4. Cultura pop. I. Título.

CDU: 070



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 28 dias do mês de julho do ano de 2022, das 15h às 17h, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado *ARTE E POLÍTICA EM GOD CONTROL – MADAME X* de autoria do(a) graduando(a) **GIDEONI SALVIANO DA SILVA**, matrícula 13111254, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por **Sandra Nunes Leite**(1º examinador), por **Carlos Humberto de Albuquerque Spinelli** (2º examinador) e por **Victor de Almeida Nobre Pires** (orientador). Após exposição oral sintetizando o TCC, o(a) graduando(a) foi arguido(a) pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

(X) Aprovado, atribuindo-lhe a nota 8,0

() Reprovado

() Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos



Documento assinado digitalmente
VICTOR DE ALMEIDA NOBRE PIRES
Data: 28/07/2022 17:29:36-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

(orientador)



Documento assinado digitalmente
SANDRA NUNES LEITE
Data: 28/07/2022 18:33:09-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

(1ºexaminador)

CARLOS HUMBERTO DE
ALBUQUERQUE
SPINELLI:05653020435

Assinado de forma digital por CARLOS
HUMBERTO DE ALBUQUERQUE
SPINELLI:05653020435
Dados: 2022.07.28 18:55:18 -03'00'

(2º examinador)

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Maria Jovelita Salviano, a razão de tudo.

Eu sou apenas um pedaço de você. Cada decisão, escolha e abnegação é sempre em seu nome. Não apenas hoje, mas desde sempre, minha sina é refletir se fiz o melhor, mas me contento sabendo que dei o meu melhor.

Sempre sigo seus ensinamentos, que, na maioria das vezes, não foram expressos em palavras ou sermões, mas sim por meio de atitudes, gestos e pequenas decisões que todos tomamos no cotidiano, e que, em todas as ocasiões, me ensinaram alguma lição.

Palavras não podem explicar o amor que sinto, muito menos o que sei que você sente por mim.

Nem é preciso.

Amor não é palavra que o vento leva e o tempo apaga; amor é ação.

Se tenho certeza de algo na vida, é que todas as ações que a senhora tomou foram pensando em mim, muitas vezes em detrimento de seus próprios desejos e vontades.

Não sei se conseguirei transmitir adiante essa riqueza que me foi dada, mas tento honrar seu amor e seus sacrifícios todos os dias, nas grandes e nas pequenas coisas.

Como, por exemplo, concluir a faculdade de Jornalismo, da qual você se orgulha tanto. Finalizo este ciclo não apenas por mim; na verdade, este trabalho e o diploma subsequente são seus. Um pequeno gesto diante do orgulho que tenho de carregar seu sangue e, mesmo sendo indigno, o seu amor. Incondicional, inegável e eterno.

Nunca me cansarei de dizer que a senhora é uma guerreira, minha guerreirinha no sentido literal, uma mulher forte que venceu a vida e a morte. Se tenho coragem e autoconfiança, é porque sei que a senhora se orgulha de mim, e só isso importa.

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho à minha família, verdadeira base e a razão de tudo isso. Ao meu irmão Jazer Salviano, minha irmã Jemima Salviano, e aos meus sobrinhos Jonathan, Gisele e Carol, assim como ao meu pai José Manoel.

Agradeço imensamente à minha querida amiga e confidente, Luísa Petronilo, cujo apoio inabalável nas horas difíceis e encorajamento constante foram essenciais para que eu não desistisse dos meus sonhos.

Aos meus amigos Gleydson Monteiro, Bárbara Camboim, Bruna Melo, Isabel Calheiros, Jéssica Mecnas, Natiele Holanda, Rhaissa Leon, Marcilene Meireles e Maryane Ferreira, meu sincero agradecimento. Seja pelo apoio irrestrito, pelos puxões de orelha quando necessários ou pelas risadas compartilhadas, cada um de vocês teve um papel fundamental.

Quero estender meu agradecimento ao meu orientador, Victor Pires, pela paciência incansável e constante incentivo ao longo deste percurso. À ilustre banca formada pela Professora Sandra Nunes Leite, exemplo de dedicação ao ensino público, e por Carlos Spinelli, que prontamente atendeu ao meu chamado para participar deste trabalho.

Agradeço por fim, à Universidade Federal de Alagoas, expresse minha gratidão por expandir meus horizontes. Que ela persista firme em sua missão de oferecer educação pública e de qualidade a milhares de alunos, mantendo-se resiliente diante das dificuldades.

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota.”

(Theodore Roosevelt, 1924)

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar a performance da cantora Madonna, através de suas produções audiovisuais. Discutiremos a produção de sentido nas suas performances ao longo da carreira e mais precisamente o discurso e significados do videoclipe e apresentação ao vivo da música “*God Control*”, presente no álbum ‘Madame X’ (2019). Para tanto, utilizaremos os conceitos de Diana Taylor (2013) e outros estudiosos, para desse modo, entender como a cultura pop pode guiar discussões públicas sobre temas como racismo, homofobia, violência urbana e controle de armas

Palavras-chave: Performance; música; videoclipe; cultura pop.

ABSTRACT

The present work has as its main objective to analyze the performance of the singer Madonna through her audiovisual productions. We will discuss the production of meaning in her performances throughout her career, focusing specifically on the discourse and meanings of the music video and live performance of the song "*God Control*," featured in the album 'Madame X' (2019). To do so, we will employ the concepts of Diana Taylor (2013) and other scholars to understand how pop culture can guide public discussions on topics such as racism, homophobia, urban violence, and gun control.

Keywords: Performance; song; video clip; pop culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: O INÍCIO DA CARREIRA	13
1.1 Madonna: O primeiro álbum	15
1.2 A consolidação nos anos 80	16
1.3 O “padrão” Madonna	19
CAPÍTULO 2: A PERFORMANCE NAS OBRAS DE MADONNA	23
2.1 O objeto de estudo da Performance.....	24
2.2. As influências na imagem pública de Madonna.....	26
2.3. A reinvenção musical através das décadas.....	29
2.4. O mundo de Madame X	34
CAPÍTULO 3: A PERFORMANCE EM GOD CONTROL	38
3.1 God Control - Videoclipe	38
3.2 God Control - Performance ao vivo.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Num mundo conectado como o nosso, é fundamental refletir sobre as performances públicas para conceber o poder de alcance dessas construções midiáticas. Por conta da tecnologia essas criações se dão através de produtos transmitidos pelos meios de comunicação (televisão, redes sociais), com repercussão instantânea e que podem despertar discussões polêmicas no “mundo real”.

São visíveis a influência e a importância da cultura pop no cotidiano e nas discussões sobre assuntos diversos. Esses produtos e performances tratam desde o combate ao racismo, como vemos em algumas produções cinematográficas, *bullying*, discutido em séries atuais e até mesmo debates sobre a sexualidade. Discutir essas performances é essencial para compreender os anseios e reformulação de costumes da sociedade, refletidos nesses produtos.

A cantora estadunidense Madonna tem se mostrado um símbolo feminino da reinvenção artística na música pop. Ela se utilizou e ao mesmo tempo ajudou a criar a indústria dos vídeos (leia-se MTV), ao lado de outros artistas como Michael Jackson. Em seguida adaptou a fórmula da *Broadway* às suas turnês mundiais, estabelecendo um padrão seguido até hoje em suas excursões.

Usando como matéria prima a produção da cantora, que é referencial no mundo pop e conhecida por críticas ao conservadorismo, buscaremos compreender a construção da sua imagem midiática. Sua carreira impactou a discussão pública sobre temas tabus pelo público/sociedade, como racismo, homofobia, sexualidade, feminismo e, mais recentemente, o controle de armas.

Esse trabalho busca refletir e entender como se dá a construção da performance através de sua produção audiovisual, com foco no discurso crítico a cultura armamentista norte americana, tendo como objeto o videoclipe e a apresentação ao vivo da música *God Control* na turnê “Madame X” (2019). Nesta análise iremos descrever a lógica de produção na carreira de Madonna, conceituando e analisando a performance de *God Control*.

Assim, vamos referir como o seu modo de produzir é impulsionado pelo debate de temas considerados tabus, mas relevantes para a sociedade em geral, construindo sua imagem pública através desses audiovisuais.

A metodologia principal será a análise de *God Control*, baseada nos conceitos de performance de Diana Taylor (2013) e outros estudiosos. Dessa forma, refletindo sobre o *modus operandi* da construção da imagem midiática e a contribuição para discussão política acerca do controle de armas nos Estados Unidos da América.

Este trabalho encontra-se organizado em 3 capítulos. O primeiro capítulo, fala sobre o início da carreira da cantora e como ela conseguiu ganhar destaque no cenário musical dos anos 80. No segundo capítulo, são apresentados os conceitos de performance e como Madonna usou esse mecanismo para construir seus produtos midiáticos na sua carreira, falaremos, portanto, das suas obras, culminando no lançamento do álbum “Madame X”, seu mais recente trabalho. O videoclipe e a apresentação ao vivo de *God Control* serão analisados no capítulo três. Por fim, iremos apresentar a importância do tema nas considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO 1: O INÍCIO DA CARREIRA

Quando falamos de música pop, o maior símbolo feminino é a cantora Madonna. Aos 63 anos, ela desfruta de um prestígio único. Esse status de ícone é devido, em parte, às constantes reinvenções que guiaram sua carreira e que, também, modificaram a indústria musical. As imagens, criadas ao longo da carreira por ela, representam a versatilidade do Pop, que se molda ao que estiver em evidência na música, moda ou cultura popular.

Madonna Louise Veronica Ciccone nasceu na cidade de Bay City em 16 de agosto de 1958, terceira filha de um casal do estado do Michigan. Seu pai, Silvio Anthony Ciccone, é ítalo-americano, e sua mãe, Madonna Louise Fortin, era descendente de franco-canadenses, eles tiveram 6 filhos. Madonna mãe era uma católica fervorosa, trabalhava como Técnica em Radiologia, numa época em que o uso de equipamentos de segurança não era comum. Aos 30 anos, ela veio a falecer em decorrência de um câncer de mama.

Quando terminou o colegial, com a ajuda de um amigo e professor de teatro, ela conseguiu uma bolsa para estudar Dança na Universidade de Michigan. Atrás do sonho de ser uma bailarina de dança moderna, Madonna abandonou a faculdade em 1978 e foi para Nova Iorque, que era o centro cultural onde tudo relacionado à arte acontecia. Logo que chegou na cidade, conseguiu alguns trabalhos como dançarina e, integrada à cena *underground* local, ela circulou entre artistas das mais diversas áreas, como músicos, grafiteiros, poetas, artistas plásticos etc. Alimentando-se das referências que forjaram muitas de suas personas no futuro.

Foi nesse ambiente que no início dos anos 80, a futura cantora fez parte de uma banda de rock, a Breakfast Club, com alguns amigos músicos que tinham os mesmos interesses e gostos musicais. No ano seguinte ela se juntou a outra banda chamada Emmy, começou a cantar e produzir músicas com seu então namorado, que também fazia parte da banda. Juntos, eles gravavam fitas caseiras. Essas primeiras canções tinham uma forte influência da *Disco Music*.

A teia de referências culturais pós-disco criou uma atmosfera oportuna para que a articulação de elementos estéticos da época e a demanda mercadológica da indústria deixassem marcas no trabalho inicial de Madonna. (LIMA, 2017, p.33).

Foi graças a essas fitas que em 1982, Madonna foi contratada pela *Sire Records*, um selo da gravadora Warner, e lançou seu primeiro single: *Everybody*. A letra simples e feita para ser um pop chiclete dizia para deixar a música tomar o controle e que todo mundo podia dançar junto, esse desejo de liberdade até hoje faz parte de seu repertório musical.

Figuras: 1, 2 e 3 - Madonna na Banda Emmy/Primeira contra capa na Billboard/Apresentando Holiday



FONTE: today in madonna history

O ritmo era uma combinação de Rhythm and Blues, Dance e Disco. Como a influência da Gravadora Motown nos anos 70, com suas Disco Divas, ainda reverberava nos grandes sucessos da época, muitos pensaram que se tratava de uma artista negra. Em parte, também porque a capa do single não trazia uma foto da cantora, apenas uma colagem de recortes que misturavam imagens urbanas, como prédios, grafites e cenas cotidianas da periferia de Nova Iorque. Essa confusão não durou muito, pois após alguns meses foi lançado o clipe da canção, gravado na Boate Danceteria, casa noturna que era frequentada por artistas *undergrounds* e influenciou o comportamento da fase inicial de Madonna.

Para Madonna, aquela boate simbolizava a liberdade pela qual estivera esperando, depois de ter passado pelo universo rigoroso da dança contemporânea e do período em que tocara em lugares ruins e apagados ou participara de bandas de rock marginais. Era da pista de dança que ela mais gostava. (O'BRIEN, 2008, p.76)

Apesar do baixo orçamento, o clipe foi importante para mostrar o seu rosto para o grande público e desenhar a personalidade, como uma garota que só queria dançar e se

divertir, não importava se na pista de dança ou no palco. Toda a teatralidade, estilo da roupa, cabelo bagunçado e o perfeccionismo na coreografia, podem ser vistos nos seus trabalhos seguintes. Ela peregrinava por todas as boates que podia, com várias cópias da música e usando o seu charme, pedia para os DJs tocarem sua música nas festas.

1.1 Madonna: O Primeiro Álbum

Todo o trabalho de divulgação funcionou, e em razão do sucesso de *Everybody* e de *Burning Up*, seu segundo single, ela conseguiu em 1983 lançar seu primeiro álbum, intitulado “Madonna”. Ele foi primordial para transformar a cantora desconhecida num fenômeno entre os jovens, vendeu 10 milhões de cópias pelo mundo, tornando-a a nova grande estrela pop.

Madonna balanceia doses de polêmica com excelência artística. Suas letras mesclam posições políticas e ideológicas às experiências pessoais. Segundo Soares, a história pessoal do artista também faz parte da performance, pois toma-se o palco de um espetáculo pop como extensão e problematização da biografia dos artistas musicais. (SOARES, 2015, p. 31)

Um dos momentos mais marcantes na sua vida pessoal foi a morte de sua mãe, e no velório, quando ela se aproximou e examinou o rosto dela, viu que seus lábios tinham sido costurados um ao outro. A imagem aterrorizante a perseguiu por anos, e mais tarde ela pareceu resgatá-la no videoclipe em preto e branco da canção *Oh Father*. Já na “Confessions Tour” (2006), se inspirou na queda de um cavalo, ocorrida no dia do seu aniversário de 47 anos, para ser tema do bloco de abertura da turnê. Ela surgiu vestida de amazona e usou as próprias radiografias no cenário. Seguindo essa fórmula, construída com o uso de videoclipes, entrevistas e filmes, ela trouxe à luz temas considerados tabus para a cultura *mainstream*.

Nos anos 80 havia todo um ecossistema em torno de artistas como Madonna e Michael Jackson, alimentado pela Music Television - MTV, que surge nesse período e torna o videoclipe uma peça importante para divulgação dos artistas, trabalhando com os dois pilares da indústria: a massa e a televisão. Além dos clipes repetidos na MTV, esse ecossistema incluía produtos com a marca dos artistas em lojas de departamentos, capas de revistas, e principalmente: milhões de dólares em discos e ingressos vendidos.

A persona pública de Madonna era explorada para venda de todos os produtos possíveis, como roupas, bijuterias, filmes e principalmente: um estilo de vida, diferente do

que os pais das adolescentes insistiam em “obrigá-las” a viver. A postura de falar abertamente sobre sexualidade feminina, foi apoiada por alguns que achavam uma contribuição importante para o feminismo, já outros defendiam que era apenas mais uma cantora sedenta por atenção.

1.2 A consolidação nos anos 80

Madonna e Michael Jackson, cantor com quem ela dividiu a majestade do Pop e as paradas de sucesso por décadas, souberam usar as plataformas disponíveis na época a seu favor, impulsionando suas carreiras a outro nível. Ao dominarem essa consciência de imagem, os dois se tornaram os principais expoentes para definição de videoclipe relevante de música pop, usando o poder da estética cultural.

Era no caldeirão de influências dos anos 80 que a cantora se preparava para lançar seu segundo álbum, com sonoridade *new-wave* e *dance-pop*. Para mostrar do que se tratava o novo trabalho, lançou *Like a Virgin*, em novembro de 1984, como primeiro single. A música misturava os *grooves* de *I Can't Help Myself*, dos Four Tops e *Billie Jean*, de Michael Jackson. A letra que fala sobre uma garota se sentir renovada com um novo amor, chocou os conservadores acostumados a verem apenas os grandes astros do Rock expondo sua sexualidade. Essa postura de falar abertamente sobre sexualidade feminina, foi apoiada por alguns que achavam uma contribuição importante para o feminismo, já outros acharam que era apenas mais uma cantora sedenta por atenção. Era um período em que o conservadorismo estava tomando conta de muitos países. Reflexo disso foi Margaret Thatcher que foi eleita Primeira-Ministra na Inglaterra e Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos da América, ambos de direita.

A política distanciara-se dos jovens; era vista como uma congregação de dinossauros. E estes, por sua vez, perderam o interesse nela. Assim, o conservadorismo e o moralismo tomaram conta da vida política, social e cultural nos EUA. Sexo, homossexualidade e sexismo, por exemplo, eram debates praticamente banidos nas rodas de conversa familiares ou nos meios de comunicação do país. (SIMÕES, 2010, p.27)

Quando lançou o álbum “Like a Prayer”, em 1989, que vendeu 15 milhões de cópias, a cantora foi destaque na imprensa por conta do videoclipe, em que beijava um santo negro e numa das cenas, cruzes pegavam fogo. Isso lhe rendeu uma excomunhão da Igreja Católica e a fez perder o patrocínio milionário da Pepsi. Todo o marketing em torno do assunto lhe

projetou de uma forma ainda não experimentada, por isso ela repetiu a receita diversas vezes na carreira.

Numa época em que a epidemia de HIV/AIDS crescia, Madonna esteve diretamente ligada à questão, em virtude da morte de alguns amigos pela doença, como Martin Burgoyne, que morreu em 1986, aos 23 anos, seu amigo desde antes da fama. Foi ele que desenhou a capa da música *Burning Up* e gerenciou a primeira turnê da cantora. Keith Haring, artista de arte pop e amigo íntimo de Madonna, havia morrido meses antes. O seu trabalho continuou presente nas obras da cantora, como na turnê “Sticky e Sweet”(2008), no cenário da música *Into The Groove*.

O encarte do álbum vinha com uma página de informações sobre como se prevenir da infecção, numa tentativa de desmistificar e informar sobre a doença, que na época era alvo de preconceito até mesmo das equipes médicas. O último show da Blond Ambition Tour em Nova Jersey teve seu lucro doado para a AmfAR (Fundação para a Pesquisa da AIDS), numa homenagem a Keith Haring.

Após anos de carreira, contando inclusive com papéis de protagonista em filmes como *Procura-se Susan Desesperadamente* (1985), *Surpresa de Shanghai* (1986) e *Quem É Essa Garota* (1987), Madonna já havia se tornado a principal influência feminina para as jovens da época. Nos últimos anos da década de 80, a garota que não se encaixava em nenhuma tribo do colégio, agora era inspiração para as adolescentes, que imitavam o estilo e se identificavam com seu discurso rebelde e questionador.

Em virtude do hibridismo do Pop, que engloba não somente a música, mas a moda, o consumo e a arte em geral, ela pôde articular os signos sintetizados em sua videografia, alimentando sua persona pública. Essa flexibilidade possibilita uma apresentação ao vivo tocando guitarra, com nuances de *Rock N Roll* e logo em seguida, o uso de um figurino de gueixa, numa estética oriental espiritualizada. Seus primeiros videoclipes e shows transgrediram as fronteiras do trajar tradicional, e ela se entregava a um comportamento sexual desinibido, subvertendo os limites do "apropriado" para mulher.

Figuras: 4, 5 e 6 - Like a Virgin(1984)/ La Isla Bonita (1986)/ Human Nature (1994).



FONTE: Youtube.com/madonna

A estética contestadora da cantora pode ser vista na letra, apresentações e no clipe de *Like a Virgin*, onde ela passeia sensualizando num barco em Veneza e em outros cenários, é uma noiva sendo cortejada por um homem com máscara de leão. Em *La Isla Bonita*, uma de suas músicas mais populares, ela encarna duas personagens, uma jovem católica e uma dançarina latina. Após o lançamento do álbum “*Erotica*” e do livro *SEX*, ela tentou baixar o tom sexual com a música e o clipe *Human Nature*, do seu jeito, encarnando um dominatrix, mas num tom de comédia e sarcástico, enquanto segura um chihuahua e diz que “não sabia que não podia falar sobre sexo”.

Pensar a música pop significa, antes de tudo, debater: indústrias, mercados e estéticas de produtos da música pop; matrizes históricas da música pop e da cultura do entretenimento; corpo, performance e sexualidade em espaços musicais; sociabilidade, lazer e entretenimento no tecido urbano; jornalismo cultural, crítica e valor; itinerários midiáticos e circulação de produtos culturais e as implicações da tecnologia na cultura do entretenimento. Situa-se, portanto, a música pop como foco possível para debater a comunicação e a cultura contemporâneas em dinâmicas globalizantes. (SOARES, 2015, p. 31)

Desde o começo, Madonna foi um dos ícones femininos mais escandalosos do repertório das imagens que circulavam com a sanção da indústria cultural. Embora, sem dúvida, existissem muitas figuras bem mais subversivas, suas imagens e mensagens não circulavam pela cultura dominante; portanto, não tinham a eficácia da popularidade (KELLNER, 2001).

De tempos em tempos, a indústria cultural revela uma “nova Madonna”, isso se repete desde a Madonnamania, período da década de 80 em que a cantora atingiu o ápice de

sucesso entre os jovens. Para alimentar ainda mais o sucesso na época de *Like a Virgin*, a Warner Bros. Records organizou uma turnê bastante divulgada. No Radio City Music Hall ela quebrou todos os recordes de comparecimento do público quando os ingressos para o show se esgotaram em 24 minutos. Em meados dos anos 80, parecia que seria impossível detê-la — os números de venda dos álbuns de Madonna andavam na casa dos 80 mil por dia. (TARABORELLI, 2003)

Ela entrou sete vezes na parada das cinco músicas mais tocadas dos Estados Unidos no ano de 1985, sendo que quatro delas chegaram ao primeiro lugar. À medida que os sucessos iam subindo nas paradas, a Madonnamania se espalhava de cidade em cidade (O'BRIEN, 2008, p.119). Mesmo sendo público e nítido toda a engrenagem por trás do modelo de gerência na carreira da cantora, são poucas as concorrentes que conseguiram alguma influência no *Show Business* e nenhuma conseguiu refazer seus feitos e fama. Mesmo usando seus cabelos loiros, clipes bem produzidos e o discurso feminista de liberação sexual, esse modelo nunca conseguiu ser repetido.

1.3 O “padrão” Madonna

A *Blond Ambition* (1990) foi um marco na carreira de Madonna e serviu de inspiração para uma série de artistas que vieram depois. U2, Pet Shop Boys e Kylie Minogue fizeram turnês com divisão de atos, baseados na divisão criada pela cantora, que também seguiu dividindo suas turnês do mesmo modo. Michael Jackson, Janet Jackson, Britney Spears e outras estrelas apostaram no microfone *headset*, popularizado por Madonna. Os shows nunca mais foram os mesmos e Madonna foi a grande responsável.

Por isso, ela é lembrada e revisitada até hoje no pop mundial. Ganhou um episódio comemorativo na extinta série musical *Glee*, que falava sobre ataques à sexualidade da mulher. Beyoncé, que levantou a bandeira do feminismo com seu álbum autointitulado de 2013, já revelou que se inspirou em Madonna para controlar sua própria carreira. (...) A cantora Ariana Grande, uma das mais novas "princesas" na realeza do pop mundial, convidou a veterana para viver o papel de ninguém menos que Deus, no clipe de seu novo single, a ode à sororidade *God Is A Woman*, ou "Deus é mulher". No vídeo, a voz de Madonna recita a passagem bíblica Ezequiel 25:17. "Para aqueles que tentarem envenenar e destruir minhas irmãs, vão saber que o meu nome é o Senhor, quando eu me vingar", narra Madonna. (DEL RÉ *et al.*, 2018, s. p.).

A cultura pop é muitas vezes vista como direcionada para o público adolescente, sendo por vezes considerada efêmera. Isso acontece à medida que as gerações envelhecem e cedem lugar a novas, ávidas por romper com o passado. A constante busca por novidades, alinhadas aos desejos e ideologias da juventude, estabelece uma dinâmica na qual tudo o que é tido como antigo é deixado para trás. Assim, torna-se crucial para qualquer artista do cenário pop construir uma base de fãs jovens, uma vez que são eles os responsáveis por impulsionar o mercado, dando forma e influenciando tendências.

A música pop dentro da Cultura Pop é o lugar dos artistas “fabricados”, da emergência da figura do produtor, das poéticas que se ancoram em questões já excessivamente tratadas, de retomar uma parcela de vivências biográficas sobre fenômenos midiáticos e de, deliberadamente, entender que estamos diante de performances, camadas de sentido que envolvem produtos. (SOARES, 2015, p. 26)

Essa fórmula de repetição, a princípio parece ser superficial, mas é nessa reprodução (de ídolos e signos) que está uma das maiores dificuldades para um artista se manter no sucesso após anos de exposição, pois o consumidor do Pop parece "enjoar" rapidamente de um artista e logo quer uma nova descoberta/novidade, uma revelação do momento.

Poucos cantores conseguem sair de “artista revelação” para o *status* de ícone. Nessa guerra pela relevância no Pop, Madonna se manteve com um verniz de novidade durante quatro décadas, dominando a lógica de produção e consumo.

Ao levantar a bandeira da liberdade de expressão, seja em relação à sexualidade, críticas aos costumes e religiões, ela se destacou e conseguiu se manter no topo, das paradas musicais ou da referência, como acontece hoje. Essa metamorfose somente um gênero como o Pop permite acontecer, justamente por não ser especificamente um ritmo (ele “bebe” de influências diversas), mas sim, um guarda-chuva de elementos, não limitado à música.

A distinção central que deve atentar está no fato de que o termo pop não é da mesma natureza dos termos que representam os gêneros ou estilos musicais como o rock, o jazz, o samba ou o rap. Esses gêneros musicais, por mais que passem por modificações ao longo da história, apresentam uma série de elementos estruturais – tanto musicais quanto estilísticos e poéticos – que tornam possível uma caracterização básica de sua linguagem. No caso da música pop, não há esse tipo de marcas. O termo pop, na verdade, funciona como um operador simbólico contextualizado em um determinado tempo e espaço (...) e que tem justamente na mutabilidade sua maior característica (VILLAÇA, 2002, p. 4).

Acionando estratégias com foco no impacto comercial, Madonna tem como objetivo reorganizar signos diversos, para produzir um sentido midiático e assim manter-se relevante durante sua carreira, que como não poderia deixar de ser, ainda está em metamorfose, numa construção que a cada lançamento ganha um capítulo.

Esse afinco para manter-se atual pode ser observado na variedade de produtos que imprime sua marca, de livros infantis à academia de ginástica. A receita também inclui desde mudanças nos acordes das músicas antigas remixadas para as turnês, com novas batidas e ritmos (para atualizá-las), até as parcerias com novos artistas, que tenham apelo com o público jovem. Essas estratégias são vantajosas para a cantora, que renova uma parcela dos fãs e para os outros artistas por se tratar de uma validação para a carreira que se inicia ou busca significância, a exemplo de Britney Spears - *Me Against The Music* (2003), Nicki Minaj e M.I.A - *Give Me All Your Luv* (2012), Maluma - *Medellin* (2019) e Sickick - *Frozen* (2021), esse última se tornando viral no TikTok, contribuindo para o crescimento da hashtag #Madonna, que já soma mais de dois bilhões de visualizações.

Um exemplo dessa renovação é sucesso dos álbuns “Like a Virgin” (1984) e “Madame X” (2019), separados por 38 anos de diferença, mas com a mesma crítica ácida ao falso moralismo norte americano e ao conservadorismo, sendo motivo de questionamentos e discussões. As críticas presentes em “Madame X” repercutem temas em debate atualmente. Os Estados Unidos enfrentam uma divisão de ideologias políticas como nunca, que reflete na discussão sobre o controle de armas. Além da luta contra o racismo e xenofobia, que também estão em discussão no mundo inteiro.

Com o sucesso do *remix* da música *I Don't Search I Find* (2019) do álbum, Madonna se tornou a primeira artista a ter 50 músicas no topo da parada *Dance Club Songs* (Billboard) nos Estados Unidos. Sendo a única artista a ter pelo menos uma música número um numa parada em cinco décadas diferentes. Por conta disso, ela lançou a coletânea: “Finally Enough Love”, com essas 50 canções, na parada LGBTQI+ de Nova Iorque, em junho de 2022. A cantora se apresentou ao lado de Drag Queens, enquanto figuras importantes da cena gay eram projetadas no cenário do show. A ligação com o público e temáticas gays, iniciada com o sucesso de *Vogue* (1990) é constante desde então, sendo um traço da imagem pública e um posicionamento nesse nicho comercial.

Para se entender devidamente o fenômeno Madonna, é preciso perceber suas estratégias de marketing, o modo como ela vendeu sucessivas imagens e incorporou vários públicos, os mecanismos pelos quais ela se tornou uma superstar pop. Madonna é uma das maiores máquinas de relações públicas da história; contratou agentes e publicitários de primeira, gente "criativa" para fazer seu marketing e produzir suas imagens (KELLNER, 2001, p. 342).

A característica mais notável ao longo do tempo é sua imagem camaleônica, ela se adapta ao que está fazendo sucesso, mas também dita pautas, seja na moda, na música ou no debate político. A imagem símbolo de rebeldia, juventude e sensualidade foi continuamente construída, e é constantemente cobrada, apesar da idade avançada da artista. O status de ícone tem um preço, alguns exigem que sua performance seja igual ou compatível com a dos anos 80, o que é humanamente impossível. O corpo atlético e sensual deu lugar à apresentações mais intimistas e aos clipes com alta carga dramática. Os videoclipes continuam sendo o clímax das suas performances visuais.

CAPÍTULO 2: A PERFORMANCE NAS OBRAS DE MADONNA

Madonna construiu sua imagem pública alicerçada na cultura visual. Para isso, a MTV, teve um papel primordial. A carreira da cantora começou praticamente com o nascimento da emissora, que distribuiu incessantemente, nos Estados Unidos e em diversos países, a imagem dos artistas norte-americanos, contribuindo para a música ser uma das grandes marcas daquela geração. Ela participou do primeiro *Video Music Awards* da MTV em 1984, surgindo num bolo de casamento gigante, vestida de noiva, com atitude provocante para performar *Like a Virgin*. Um de seus acessórios era um cinto escrito *Boy Toy* (Brinquedo de Garoto).

Ao fim da performance ela rola no chão deixando à mostra suas coxas, o que chocou boa parte da audiência e o seu empresário Freddy DeMann, que não sabia do teor erótico da apresentação, segundo ele, ela havia arruinado sua carreira com a apresentação (MULLEN, 2020). Numa ambígua mistura entre santa e pecadora, ela conseguiu sair do padrão puritano que dominava a música da época. Ao trazer também um novo estilo para a moda, que misturava crucifixos (para evocar sua formação católica), luvas e rendas, com uma atitude rebelde punk, a cantora encarna uma garota inocente, mas com a malícia das ruas de Nova Iorque. Ao misturar todos esses signos, Madonna aciona uma persona cativante e que incentivava as adolescentes a se rebelarem contra os costumes da época.

Nessa noite ela concorria ao prêmio de Melhor Novo Artista num Videoclipe, pelo vídeo da música *Borderline*, mas Eurythmics — *Sweet Dreams (Are Made of This)*, foi o vencedor da categoria. Já Cyndi Lauper concorria a Melhor Videoclipe Feminino, por *Girls Just Want to Have Fun*, e foi a vencedora.

Figuras: 7, 8 e 9 - VMA 1984



FONTE: [youtube.com/madonna](https://www.youtube.com/madonna)

A força visual dos anos 80 fica explícita nas imagens e produtos da época, que tem uma perspectiva artística como nenhuma outra, seja na moda, filmes, revistas e videoclipes, é perceptível essa identidade ímpar. Madonna utilizou os elementos característicos da época para formatar sua performance. Acionando várias camadas de significados, que não são identificadas a princípio, mas somente com o passar dos anos.

Ainda que certos atos performáticos e seus registros – como shows de música e apresentações teatrais – possam trazer uma ideia de término ou conclusão dos mesmos, eles não se encerram em si mesmos, causando afetações, reverberações e reelaborações mesmo após seu suposto fim e que certamente se iniciam antes de seu começo. O motor da vida, da performance, não cessa. (SOARES, 2018. p. 71)

Quando falamos de performance, nos vem à mente uma apresentação solo ou em grupo, que utiliza o corpo, ou outros elementos num local público, mas o seu conceito é bem mais amplo que isso. Há outras práticas que não reconhecemos como performance, mas que também são. Existem de fato, atos mais fáceis de se reconhecer, uma peça de teatro, uma missa ou um protesto, por exemplo. Para estudar a construção da persona de Madonna deve-se ter em mente que ela é mais ampla, pois se trata de referências, símbolos e signos dentro da arte.

2.1 O objeto de estudo da Performance

Um ato cotidiano isoladamente não é considerado performance, pois ela requer seu próprio tempo, horários, estrutura e papéis definidos. Somente assim pode-se ter parâmetros para análise. No entanto, se esse mesmo ato for executado numa exposição ou dentro de um museu, por exemplo, torna-se performance, pois será possível estabelecer todos esses parâmetros. Um ato, pode ser estudado como performance, mas com uma lente epistemológica, pois há de se pensar uma maneira de olhar, de entender a produção de sentido contida nele.

Zumthor (2007) afirma que a ideia da presença de um corpo na performance é tida como essencial, no entanto, ela não apenas se liga ao corpo, mas por ele, ao espaço. Esse laço se valoriza por uma noção, a de teatralidade. Sendo assim, ao tomar conhecimento da

teatralidade da performance, o consumidor midiático é impactado por esses atravessamentos estéticos.

A performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação dos pontos comunicando, ela o marca. (ZUMTHOR, 2007, p.32)

A indústria da música é um dos motores da cultura e a performance pública de Madonna se utilizou de diversos mecanismos para absorver a energia dos anos 80 e atribuir sentido midiático às suas atuações e permanecer no imaginário popular, com sua figura loira, contestadora e audaciosa. A plataforma da música possibilitou que ela expandisse sua performance, renovando seu repertório de identidades e trabalhasse uma nova persona a cada Álbum.

O que passa pelo discurso pode ser performance, mas não necessariamente é, então nos abre todo outro campo de conhecimento, pois nem sempre a performance é verbal ou textual, existem performances que não se transmitem através das palavras e é necessário se pensar no público receptor, em qual o contexto e para quem de fato é direcionada essa ação.

Se performances são “atos de transferências vitais, transmitindo conhecimento, memória e um sentido de identidade social” (TAYLOR, 2013), Madonna utilizou o videoclipe e turnês para se aproximar do seu público de uma forma única. O telespectador sente-se inserido no roteiro do videoclipe, dialogando, como se a história fosse feita sob medida, ao se identificar com os sentimentos narrados, posicionamentos ou mesmo com o visual. Na apresentação ao vivo, há uma espécie de catarse coletiva quando se compartilha o mesmo ambiente com milhares de semelhantes reverenciando o mesmo ídolo, há uma identificação quase religiosa com o espetáculo.

Essa identificação do público vai além do "gostar" da história encenada, hoje isso pode ser medido pelo número de visualizações dos vídeos no *YouTube*, tornando muito mais fácil a segmentação de um artista ou produto midiático. Mas é nas redes sociais que essa segmentação atinge um nível de individualização que a MTV jamais sonhou nos anos 80, tornando o mercado musical cada vez mais nicho de mercado. Ao atender esse segmento de público, pode-se aumentar o lucro com a venda de produtos, pois há a vantagem de saber qual o interesse específico, o que não acontecia anos atrás.

Como destaca Kellner (2001, p. 235), as imagens criadas por Madonna e sua recepção esclarecem o caráter de construtos sociais da identidade, da moda e da sexualidade.

Ao destruir as fronteiras estabelecidas pelos códigos dominantes de sexo, sexualidade e moda, ela incentiva a experimentação, a mudança e a produção da identidade individual. Essa característica tão presente na sua obra, evidencia a necessidade de adaptação no mercado pop, para cativar o interesse do público.

Todos os produtos midiáticos contribuem para compor uma performance, já que ela é formada pelos diversos derivados dessa atuação, seja na dança, apresentações, funerais e movimentos de protestos. Assim, Taylor argumenta que essas referências devem ser tratadas como metáforas para o entendimento do que é performance.

Obediência cívica, resistência, cidadania, gênero, etnicidade e identidade sexual, por exemplo, são ensaiados e performatizados diariamente na esfera pública. Entender esses itens como performances sugere que a performance também funciona como uma epistemologia. (TAYLOR, 2013, p. 27)

Partindo dessa ideia de abrangência da performance, pode-se entender algumas mudanças ocorridas na carreira da cantora. Algumas vezes ela foca no apelo sexual (Livro *SEX*, Álbum “Erotica”), religioso (Clipe *Like a Prayer* e Turnês) ou político (“American Life”, “Madame X”) e todos esses temas servem de artifício para a narrativa de construção da sua persona pública. Misturar referências é uma característica da sua personalidade e por utilizar diversas plataformas, como o cinema e literatura, ela pode transitar em quase todas as mídias, criando um ecossistema de produtos midiáticos.

2.2 As influências na imagem pública de Madonna

Depois da revolução causada pelo sucesso de *Thriller* de Michael Jackson, a indústria Pop se rendeu ao videoclipe como ferramenta para publicidade de música pop. Essa plataforma junto às apresentações ao vivo foram as principais responsáveis pela disseminação dessa música pelo mundo inteiro.

Madonna se comunicava com seu público através dessas duas formas. Tão importante quanto a letra da música, as apresentações e posicionamentos causaram polêmica e ela utilizava o espaço na mídia para alimentar seu público e fixar sua imagem. Essa exposição foi essencial para transpor a barreira dos fãs mais devotos e alcançar o público de

música em geral, cuja opinião é importante para um artista com apelo mundial. A performance de Madonna nos videoclipes acompanhou seu posicionamento político e sua visão em relação a temas tabus, mas principalmente, o que ela avaliava que poderia ter sucesso comercial e agradar seus admiradores.

Mae West, Greta Garbo e, nitidamente, Marilyn Monroe foram a inspiração da imagem inicial da cantora. Apesar da referência a figurinos, gestos e atitudes dessas atrizes, ela parece replicar posicionamentos, mas com seu toque pessoal, como num mashup com a androginia de David Bowie, por exemplo, que ela também admirava. A atriz Marlene Dietrich também foi uma das grandes influencias de sua performance, ela era bissexual assumida e vestia em algumas cenas roupas masculinas, mas por vezes tinha imagem feminina e sensual. No filme Marrocos ela, vestindo um smoking masculino, beija uma outra mulher, numa cena nunca vista no cinema até então.

Figuras: 10, 11 e 12 - Marlene Dietrich beijando uma mulher no filme Marrocos (1930) / Turnê The Girlie Show (1993)



FONTE: youtube.com

Madonna referenciou sua persona pública nos moldes de Marilyn Monroe, apesar da atriz demonstrar fragilidade e possível depressão, além de aparentar não saber do tamanho de sua sedução, a cantora mostra-se dominadora e dona de si. Essa interpretação dava um novo ar à imagem clássica das estrelas, como se as personagens da era de ouro hollywoodiana tivessem viajado no tempo e se emancipado, já que ao encarná-las, como uma roupa, sua interpretação tinha outras motivações, que não as das atrizes originais. No clipe de *Material Girl*, por exemplo, inspirado na interpretação de Marilyn Monroe em *Diamonds Are A Girl's Best Friend*, em que ela faz um trocadilho óbvio, ao contar a história de uma estrela que não se importa com presentes caros, mas dá valor a pequenas

demonstrações de amor, já que para ela o amor era mais importante que o dinheiro. A crítica, que usou a ironia como chamariz, até hoje é vista por muitos como uma ode ao consumismo de uma “garota material”.

Figuras: 13, 14 e 15 - *Diamonds Are A Girl's Best Friend* (1949) / *Material Girl* (1984)



FONTE: Youtube

O cinema sempre foi fonte de grandes imagens para Madonna. No filme *Procura-se Susan Desesperadamente* (abril 1985), que foi lançado quase ao mesmo tempo que o álbum “*Like a Virgin*” (novembro 1984), há um paralelo entre a personagem e a cantora. Figurino, cabelo e gestos eram os mesmos que ela usava em seus shows, como uma extensão do ao vivo para o cinema, num tipo de extensão de personalidade. Ela juntou arte e capitalismo, ao se replicar, como a arte de Warhol e vender-se a maior quantidade de vezes possível para o grande público, seja como virgem ou prostituta.

Naturalmente, o fato de Madonna vincular a imagem indumentária e identidade também declara que é no visual, no modo de se vestir e de se maquiar que está ancorada a identidade - afirmação discutível. Mas, segundo intimação de Madonna, a indumentária não é suficiente: é preciso fazer pose, fazer moda, elaborar uma "postura", comportar-se de certa maneira. O estilo Madonna é o excesso, o choque, a transgressão de limites, a constante novidade. (KELLNER, 2001. p. 364)

O excesso e a polêmica, características da cantora, muitas vezes eram tidas como exageradas. A mesma performance pode trazer produções de sentidos diferentes. Desde o início da carreira ela tem o apoio e o protesto de feministas. Algumas mulheres dizem que sua figura contribui com a discussão pública e as empodera, outras que ela sexualiza ainda mais o corpo feminino, passando a mensagem errada. Em suas turnês, ela brinca com o

estereótipo de mulher e do objeto sexual que elas representam. Esse posicionamento trouxe problemas com governos conservadores em algumas turnês, como em Toronto (1990), em Roma (1990), por conta do posicionamento do Vaticano e de grupos católicos contrários ao discurso de liberdade sexual que a cantora apresentava na turnê “*Blond Ambition*”, e no caso de Moscou (2012), por haver uma lei antigay na Rússia, que proíbe qualquer tipo de manifestação favorável à homossexualidade.

Segundo Taylor, “as performances não podem nos dar acesso a outra cultura, permitindo vê-la em profundidade, mas elas certamente nos dizem muito sobre nosso desejo desse acesso e refletem a política de nossas interpretações” (TAYLOR, 2013, p. 32), e esse choque cultural muitas vezes causado pela diferença entre posicionamentos e visões culturais dos diferentes países, podem parecer um empecilho para o entendimento da mensagem nos produtos midiáticos da cantora, mas a produção de sentido muitas vezes ultrapassa as barreiras culturais.

Para atender a demanda de sua audiência, ela transformou sua persona ao longo do tempo, variando a demarcação de transgressão. Ao analisarmos uma performance, assumimos o papel de intérpretes, não de um significado visível, mas tomando o ato performático como metáforas, signos da nossa memória coletiva. O consumidor midiático é bombardeado com essas criações artísticas (ou não), e na maioria das vezes só consegue enxergar algo lúdico, um entretenimento sem complexidade ou ramificações.

No entanto, qualquer produto midiático quer transmitir uma mensagem através desses códigos, símbolos e signos. Seja uma crítica a um comportamento sexual, um ato político ou mesmo um posicionamento comercial.

2.3 A reinvenção musical através das décadas

Depois de ter sua primeira filha, Lourdes Maria, a cantora lança “*Ray of Light*” (1998), que teve produção do músico britânico William Orbit. O trabalho resultou num álbum com tom esotérico e o clipe de *Frozen* personifica essa nova imagem, nele Madonna surge como uma feiticeira que se transforma em corvos e num cachorro preto no meio do deserto, refletindo a frieza de alguém que não quer se abrir sobre os próprios sentimentos.

Logo após iniciar um relacionamento com o cineasta inglês Guy Ritchie, ela anunciou que estava grávida de seu primeiro filho, Rocco. Foi nesse período que ela produziu “*Music*” (2000) em parceria com o produtor francês Mirwais Ahmadzaï. A faixa título, que teve clipe em que ela interpreta uma cowgirl chique no banco de uma limusine,

foi bem recebida pelo público, destacam-se também no disco *What It Feels Like for a Girl* e *Don't Tell Me*. Esses dois álbuns serviram de base para a “Drowned World Tour” (2001).

Figuras: 16, 17 e 18 - Frozen (1998)/ Music (2000)/ Don't Tell Me (2000)



FONTE: Youtube.com/madonna

Ao usar elementos estéticos, relacionados às subculturas, moda alternativas e às vezes fetichista, a cantora conseguiu se sobressair no mercado concorrido da música. Essa construção, no entanto, não está livre de erros, na execução ou mesmo na recepção. Mesmo com uma imensa capacidade de fragmentar e se recriar, Madonna já passou por momentos de intensa desaprovação pública, isso ocorre quando a expectativa da recepção não é alcançada.

O álbum “American Life” (2003) é um exemplo disso, a capa traz a cantora parafraseando a famosa foto com boina de Che Guevara, o álbum ganhou o adesivo de *Parental Advisory*, um aviso de conteúdo explícito. Ao se arriscar em uma produção mais conceitual, ela abandonou a imagem de material girl e criou uma persona que criticava o sonho americano e seu materialismo, bem como a guerra e o presidente estadunidense da época, George W. Bush.

A guerra estava em pauta desde os atentados de 11 de setembro, e esse foi o principal tema do clipe da música título, que mostrava um desfile de moda com homens e mulheres vestidos de soldados. Crianças do oriente médio são hostilizadas pelos soldados na passarela, que dá lugar a pessoas mutiladas por bombas. Imagens da guerra são intercaladas e Madonna entra no desfile dirigindo um mini cooper camuflado, ao jogar um canhão d'água sobre os jornalistas ela é aplaudida pelos espectadores do desfile. Ao sair de cena, ela joga uma granada de mão em um sócio de George W. Bush que está na plateia e ele acende um charuto com ela. O clipe foi considerado pesado e foi substituído por outro em que somente

aparece Madonna vestida com uma roupa militar interpretando a música com bandeiras de diversos países no fundo.

Figuras: 20, 21 e 22 - Videoclipe American Life (2003).



FONTE: Youtube

Após a fraca recepção de “American Life”, que conta com músicas como *Hollywood*, *Nothing Fails*, *Love Profusion* e foi a base para a turnê “Re-Invention” (2004), Madonna mais uma vez se reinventa e lança o dançante “Confessions On A Dance Floor” (2005), recebeu um prêmio Grammy em sua 49ª cerimônia, considerado a premiação máxima no ramo da música, de "Melhor Álbum Dance/Eletrônico" do ano. O álbum a fez voltar às paradas de sucesso. Logo em seguida ao lançamento, ela inicia a “Confessions Tour” (2006), com referência ao grupo ABBA e ao filme *Os Embalos de Sábado à Noite* (1977), entre outras. Em *Hung Up*, por exemplo, ela sai da fase mais séria e resgata uma persona inspirada na era disco dos anos 70, chamando todo mundo para dançar. Na performance de *Live to Tell* ela surge numa cruz. A turnê discutia o feminismo, racismo, as consequências da guerra, *bullying*, violência e a intolerância religiosa.

Figuras: 23, 24 e 25 - Confessions Tour (2006).



FONTE: Youtube.com/madonna

Em 2008 ela lança o álbum “Hard Candy”, com colaboração de Timbaland, Justin Timberlake e Kanye West. Foi esse álbum que gerou a turnê mais lucrativa de uma artista feminina, a “Sticky & Sweet Tour” (2008). Madonna encarnou uma lutadora de boxe no material de divulgação e nos shows adotou um clima aeróbico e colorido.

No ano de 2012 ela foi a atração do show no intervalo do *Super Bowl*, em que participaram Nicki Minaj, M.I.A., Cee Lo Green e LMFAO, como convidados. A apresentação foi uma amostra do que seria o álbum MDNA e a “MDNA Tour” (2012)..

Figuras: 26, 27 e 28 - Super Bowl (2012)/MDNA Tour (2012).



FONTE: Youtube.com/madonna

A abertura da turnê tinha como cenário uma igreja medieval, lembrando a fase da “Blond Ambition Tour” (1990). Ajoelhada num confessionário suspenso, ela pede perdão pelos pecados e em seguida quebra os vitrais com uma AK47, revelando-se vestida com uma réplica do vestido de noiva com o qual se casou com Guy Ritchie, mas na cor preta

Na performance de *Express Yourself* ela se veste de líder de torcida e canta trechos de *Born This Way* (incluindo a coreografia), de Lady Gaga. Esse bloco conta com um cenário baseado na estética de Andy Warhol e J. Howard Miller. Na tela aparece o raio de David Bowie, o sutiã da “Blond Ambition” e monstros comendo as latas *Campbell*, numa alusão aos ícones pops que Lady Gaga já utilizou. Ela encerra o mashup com *She’s Not Me* do álbum “Hard Candy”.

Em “Rebel Heart” (2015), a cantora foca no dance, EDM (*Electronic Dance Music*) e Pop. Houve um vazamento ilegal das músicas, que fez com que a cantora adiantasse o lançamento. O primeiro single a ser divulgado foi *Living for Love*, acompanhado de um clipe, em que ela encarna uma toureira. Para a divulgação foram feitas performances no *Brit Awards* e *Grammy*. No mesmo ano, ela lança a Rebel Heart Tour, em que faz pole dance numa cruz e é amarrada em cima de uma mesa que simula a santa ceia.

A música *Bitch I’m Madonna*, também se destacou, tendo o clipe mais visto em sua página no Youtube, com quase 350 milhões de visualizações. Na letra ela diz que quer se divertir, porque “ela é Madonna”.

Figuras:29, 30 e 31 - Living for Love (2015)/Bitch I’m Madonna (2015)/Rebel Heart Tour.



FONTE: Youtube.com/madonna

Atualmente, uma das dificuldades à recepção performance de Madonna é o etarismo (preconceito devido à idade), que pode ser visto, por exemplo, quando um integrante da Rádio BBC1, do Reino Unido afirmou que não tocaria a faixa *Living for Love*, a época do lançamento, para diminuir a média de idade dos ouvintes. Essa relutância vem até de alguns fãs/haters, que cobram de uma mulher de 64 anos o mesmo vigor de 30 anos atrás. Em parte, porque os fãs no geral se vêem no ídolo, e se o ídolo está envelhecendo, eles mesmos também estão. A crítica e a negação é, portanto, uma tentativa frustrada de reafirmar a própria juventude. Curiosamente, isso é um atestado de uma construção midiática bem-feita, já que sua imagem sempre foi seu principal material de trabalho.

2.4 O Mundo de Madame X

Quando Madonna lançou "*Everybody*" (1982), os Estados Unidos estavam passando por uma fase otimista, com a música Disco ainda dominando o cenário como a maior expressão. Apesar das tendências conservadoras da época, os anos 80 eram caracterizados pela vivacidade, cores vibrantes e extravagância, contando com ícones do Pop Rock como Prince, Boy George, Cyndi Lauper e Michael Jackson.

No contexto do álbum "*Madame X*" (2019), nota-se uma sensação de retrocesso em questões fundamentais. Nesse período, observamos protestos e movimentos significativos, como o Black Lives Matter, destacando o combate ao racismo explícito, além de uma multiplicidade de demandas radicais e ideológicas. O contraste entre esses dois momentos na carreira de Madonna reflete não apenas a evolução da música pop, mas também as mudanças sociais e culturais ao longo das décadas.

Em virtude da mudança para Lisboa em 2017, onde foi acompanhar seu filho David Banda, que jogava num dos times do Benfica, ela se inspirou nos ritmos da música portuguesa tradicional, no reggaeton latino, *world music* e até no funk brasileiro, para a mistura de ritmos do álbum. O português é falado em várias músicas, assim como o espanhol e a cantora retoma os temas polêmicos e provocativos, que haviam ficado de fora dos últimos trabalhos, fazendo um álbum para um público globalizado, que agradou os ouvintes dos streamings.

Figuras: 32, 34 e 35 - Capa Madame X (2019)/Divulgação (2019)/Performance com o cantor Maluma.



FONTE: [Instagram.com/madonna](https://www.instagram.com/madonna).

No álbum ela encarna o alter ego Madame X, que dá título à obra. Ela é um tipo de espiã, e usando esse artifício, pode ser várias mulheres. Na maioria das vezes usando um tapa olho, o que dá um ar de mistério e um clima de filme de suspense. No vídeo de apresentação do álbum, ela a retrata como tendo múltiplas personalidades.

Madame X é uma agente secreta. Viajando ao redor do mundo. Trocando de identidades. Lutando por liberdade. Trazendo luz a lugares escuros. Ela é uma dançarina. Uma mestra. Uma chefe de estado. Uma dona de casa. Uma equestre. Uma prisioneira. Uma estudante. Uma mãe. Uma filha. Uma professora. Uma freira. Uma cantora. Uma santa. Uma prostituta. Uma espiã na casa do amor. Eu sou Madame X. (Teaser Welcome to the World of Madame X)

O álbum abre com *Medellín*, um reggaeton composto e cantado em parceria com o astro colombiano Maluma, em inglês e espanhol. O clipe, gravado em Lisboa, retrata algumas das personas de Madame X. Ela encarna uma professora de dança, logo depois uma noiva na festa de casamento, uma amante na cama com Maluma e uma mais frágil, fugindo no meio da noite.

Figuras: 36 ,37 e 38 - Videoclipe Medellín (2019)



FONTE: Youtube.com/madonna

Dark Ballet é uma balada mais séria, com influência gospel e efeito robótico, conta com referência à peça *O Quebra-Nozes* (1892). Ela faz uma crítica a Igreja Católica, principalmente no clipe da canção que retrata a francesa Joana D'arc, ao ser acusada de ter visões demoníacas, bruxaria e vestir-se como um homem, sendo queimada viva pela Igreja, enquanto recita: "Não denunciarei as coisas que eu disse. Não renunciarei à minha fé em meu querido Senhor". Joana é interpretada no videoclipe por Mykki Blanco, rapper negro, transgênero, soropositivo e ativista.

Figuras: 39, 40 e 41 - Dark Ballet (2019)



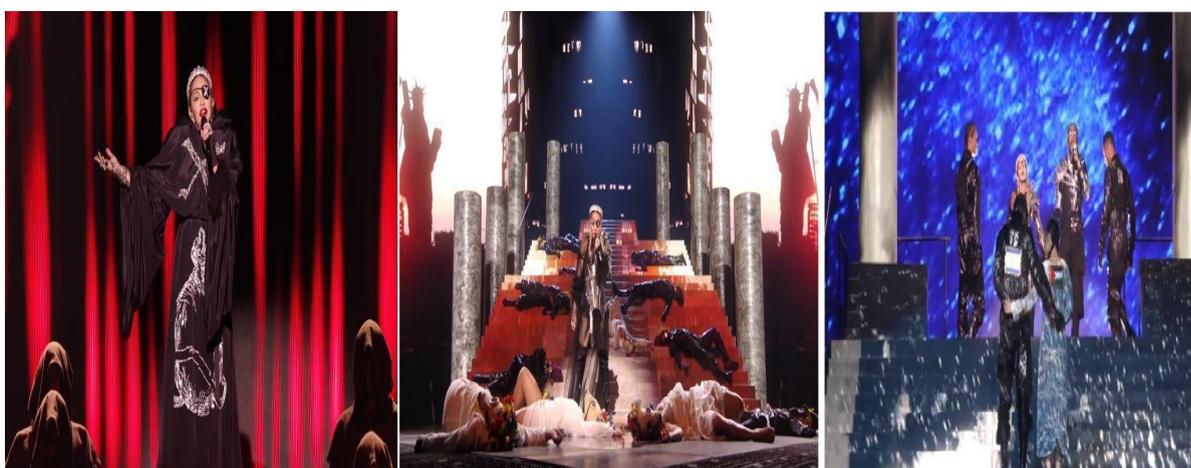
FONTE: Youtube.com/madonna

Future é uma mistura de reggae e hip hop, que conta com a participação do rapper Quavo. Apresentada ao vivo no Festival Eurovision, num *mashup* com as músicas *Like a Prayer* e *Dark Ballet*, numa encenação bastante politizada, com dançarinos usando máscaras

de gás, e no telão imagens de uma floresta queimando e também a estátua da liberdade deteriorada, como num retrato de um futuro apocalíptico. A letra fala sobre a importância da memória e de se pensar no futuro: “Nem todo mundo vai vir para o futuro, nem todo mundo está aprendendo com o passado, nem todo mundo pode vir para o futuro, nem todo mundo aqui vai durar”.

O cenário muda e mostra imagens do universo, como um sinal de esperança. Um dançarino com a bandeira de Israel e uma dançarina com a palestina se abraçam, no final da performance.

Figuras: 42, 43 e 44 - Performance de Future com Quavo - Eurovision (2019)



FONTE: Youtube.com/madonna

As canções trazem críticas políticas, como em *Batuka*, com a participação da orquestra feminina Batukadeiras, de Cabo Verde. Essa tradição remonta a época da colonização em que as mulheres eram proibidas pela Igreja Católica de tocar e dançar o batuque. Já em *I Rise*, ela conta com um discurso de Emma Gonzalez, sobrevivente de um massacre no estado da Flórida.

O álbum traz também as canções: *Killers Who Are Partying*, *Crazy*, *Come Alive*, *Faz Gostoso*, *Bitch I'm Loca*, *I Don't Search I Find* e a balada *Crave*. Ela tenta condensar as discussões sobre temas atuais e servir de alerta para questões políticas, como o acesso ao porte de arma pelos estadunidenses. Madonna retoma esses temas discutidos em “American Life”, principalmente na música *God Control*, que condensa os símbolos e referências trabalhados por ela em toda a carreira. Por isso, vamos analisar a performance mais detalhadamente.

CAPÍTULO 3: A PERFORMANCE EM GOD CONTROL

Para compreender completamente a apresentação ao vivo da música *God Control* na turnê "Madame X", é necessário referir-se ao videoclipe da canção. As imagens deste são projetadas no cenário e há cenas incorporadas na edição do show, tornando-se uma parte intrínseca da performance e da mensagem transmitida.

Como a performance tem um foco na recepção: momento privilegiado, em que um enunciado é realmente recebido (ZUMTHOR, 2017), ela faz uso da teatralidade para não apenas se ligar ao corpo, mas através dele ligar-se ao espaço em que se situa.

Por conta dessa intertextualidade é necessário ler os detalhes desses acionamentos para entender o contexto do espaço discursivo.

Num mundo extremamente conectado, gravado e exposto, há um vasto campo para se estudar performance, e os estudos sobre a imagem são primordiais para compreender a sociedade, já que a internet nos fez muito mais visuais. Por conta disso, o objeto de estudo da performance é muito mais complexo do que era há 50 anos. Segundo Zumthor (2017), a performance é um ato de presença no mundo e em si mesma. Nela o mundo está presente.

Ao observar um produto midiático, podemos verificar uma trama narrativa entre algumas obras. Muitas vezes o artista se auto referencia ou mesmo revisita um tema já debatido, dando outra interpretação.

No caso de *God Control*, há uma continuidade na narrativa entre o videoclipe e a performance ao vivo, em razão disso vamos analisar as duas obras, que se complementam.

2.5 God Control - Videoclipe

*"Eu não aceito mais as coisas que não posso mudar
Eu estou mudando as coisas que não posso aceitar"*
Angela Davis

Um das marcas registradas da cantora Madonna é a polêmica, esse é um dispositivo que ela comumente usa para provocar questionamentos e reflexões através da sua música. No videoclipe de *God Control*, ela evoca a nostalgia dos anos 70 e a atmosfera de sua própria discografia para ressaltar a discrepância de um atentado terrorista numa boate, e como isso é uma camada de tensões mais profundas. Esse tema não é produto somente de ficção ou fantasia, apesar do Pop ser associado a coisas superficiais, a cantora durante toda

sua carreira tenta dar um viés de relevância para os temas políticos e comportamentais, mesmo “embalado” num produto comercial.

A narrativa de um artista pop é composta, portanto, pelo próprio horizonte de expectativas que o público vai ter com relação a este artista. Códigos culturais já associados, elementos visuais, codificações de figurinos, direção de arte ou cenários enunciados ao longo da trajetória, bem como dados biográficos, imagens que circulam na imprensa, capas de álbuns e uma série de imagens associadas constituem uma espécie de mapeamento prévio que serve como diálogo com o gênero musical com o qual um artista está associado. (SOARES, 2013)

Há uma mensagem advertindo sobre as imagens explícitas no vídeo, mas nada que não seja mostrado diariamente nos noticiários. Para dar agilidade, o Diretor Jonas Akerlund, fez o clipe com a ordem cronológica misturada. Enquanto Madame X escreve, um *mashup* de imagens vem à tona, para assim mostrar os acontecimentos na boate. No início da canção, Madonna canta como se estivesse amordaçada ou sufocada, numa forma de representar o apagamento e a tentativa de silenciar o discurso contrário ao armamentismo e aos outros temas abordados, sendo o principal foco o controle de armas, num trocadilho entre as palavras *God* (Deus) e *Gun* (Armas).

O videoclipe, de 8 minutos, foi dirigido por Jonas Akerlund e é baseado em fatos reais, uma referência ao massacre na boate Pulse, voltada ao público LGBT, no estado da Flórida. O ataque ocorreu em junho de 2016, quando 50 pessoas morreram e outras 53 ficaram feridas. Esse número de mortos fez do ato o segundo pior ataque da história dos Estados Unidos, menor apenas que o 11 de setembro. Essas mortes foram causadas por um atirador norte-americano de 29 anos, filho de pais afegãos, armado com um rifle e uma pistola automática compradas legalmente. O pai do terrorista disse que seu filho ficou transtornado, meses antes do ataque, quando viu dois homens se beijando durante uma viagem a Miami (ATAQUE..., 2016).

Madame X, a persona de Madonna, se divide em dois papéis/disfarces: uma escritora, que datilografa um texto sobre o controle de armas com muita dificuldade para se expressar, e uma mulher loira que só quer se divertir na pista de dança. Ela está se preparando para sair, percebe-se que há um suporte para perucas e um quadro na parede escrito: homens héteros brancos mandam em tudo ao meu redor. A personagem loira assiste o noticiário sobre o atentado em uma escola no Arizona, na tela da TV pode-se ler que 24 crianças foram assassinadas, naquele momento está acontecendo o velório dos mortos nessa chacina. Também são mostradas imagens de santos dentro de uma igreja e um coral de crianças entoando a letra de *God Control*: “Nós perdemos o controle de Deus”. Os caixões com flores são mostrados dentro da igreja. A mulher parece não se abalar com a notícia, como uma naturalização desse tipo de violência, desce pela janela do apartamento e segue para a boate.

Essa referência à religião é uma marca recorrente na carreira de Madonna. Desta feita, porém, a crítica se concentra nas pessoas e não nos rituais ou na igreja em si, que nesta

cena, serve como um acalento para o luto. O áudio externo das cenas muitas vezes se sobrepõe à música no clipe, pois o contexto de todo o cenário é mais relevante.

Figuras: 45 ,46 e 47 - Madame X chegando a boate/Fachada da boate Globe/Escritora e suas inspirações



FONTE: Youtube.com/madonna

O foco volta para a escritora que dá a entender ser outra persona de Madame X, por conta da decoração das unhas, que tem o mesmo esmalte e acabamento de cristais. Ela escreve enquanto fuma, algumas vezes somente a expressão Gun Control está escrita na folha, repetidamente. Na parede da escrivania em que está sentada há retratos de mulheres fortes que aparentemente a inspiram: Patti Smith, Martha Graham, Simone de Beauvoir, Frida Kahlo e Angela Davis. Figuras públicas femininas que lutaram ativamente em causas que Madonna também defende. A personagem loira é assaltada a caminho da boate, por dois homens, um deles armado. Mesmo depois do assalto, ela segue, amparada por alguns amigos. Essa cena remete ao relato de estupro sofrido por Madonna pouco tempo depois que chegou a Nova Iorque nos anos 70, ela foi arrastada para um prédio vazio por um homem armado com uma faca e após o crime, ficou lá por um bom tempo em estado de choque, até ter certeza que o criminoso havia ido embora.

Figuras: 48, 49 e 50 -Protesto contra armas/ Loja de armas/ Protesto LGBTQ



FONTE: Youtube.com/madonna

God Control tem inúmeras imagens reais de protestos sobre o controle de compra de armas nos Estados Unidos, num contra-ataque da cantora à política do governo Trump. Ao mesmo tempo em que mostra cenas fortes, o videoclipe mescla cenas na boate antes do ataque, com pessoas de raças, idades e gêneros diferentes, dançando juntos. O clima Disco faz referência a era dos anos 70, mais especificamente ao Studio 54, boate símbolo das discotecas.

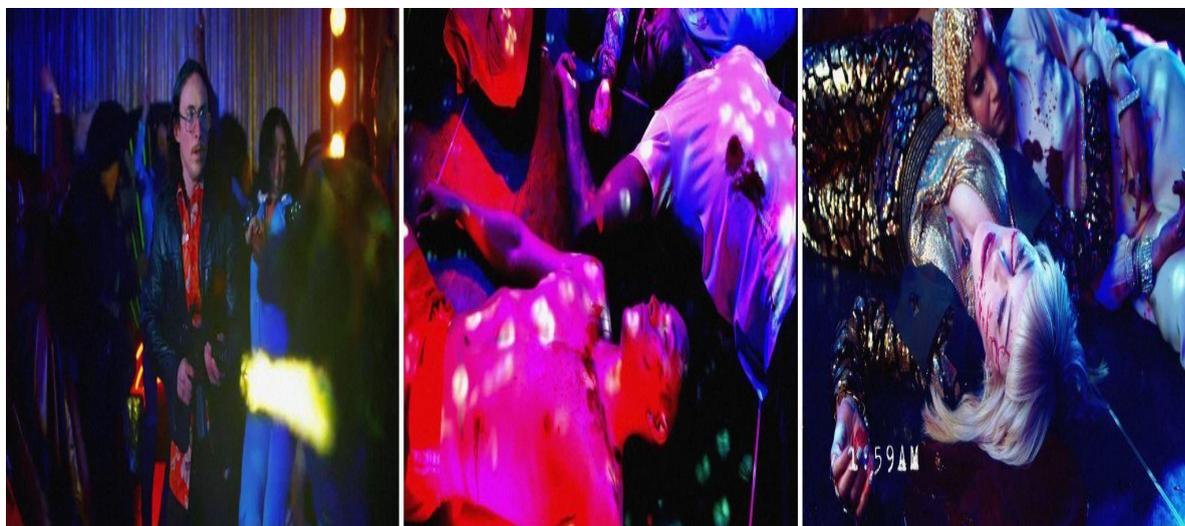
Figuras: 51, 52 e 53 - Criança manuseando arma livremente/ Igreja com caixões das crianças assassinadas/ Madame X



FONTE: Youtube.com/madonna

Em meio a alegria e colorido da boate, surge um homem com uma metralhadora, ele atira aleatoriamente contra a multidão e as pessoas atordoadas, sem entender o que está acontecendo, acabam correndo para todos os lados, enquanto alguns caem no chão, atingidos pelos tiros. Em meio ao atentado, Madame X de peruca loira é atingida na barriga e no pescoço. Pelos horários que aparecem na tela, o tiroteio dura 7 minutos, o atirador comete suicídio atirando na própria boca com um revólver. O sangue escorre pelas maquiagens brilhantes das vítimas, sob as luzes coloridas da boate.

Figuras: 54, 55 e 56 - Atirador/ Pessoas feridas/ Madame X baleada



FONTE: Youtube.com/madonna

No documentário “World of Madame X” (2019), Madonna fala sobre como é fácil comprar armas nos Estados Unidos, o que é assustador, pois há pessoas que se acham um deus quando estão de posse de uma arma, como se fossem acima da lei da causa e efeito. São justamente esses deuses descontrolados que causam tanta violência e mortes.

Eu gosto de sobrepor coisas. A base da música é uma cascata de cordas da música Disco do final dos anos 70, pois quando mudei para Nova Iorque era 1979, eu ia ao Studio 54. O globo de espelhos e a beleza das pessoas dançando, todo mundo cheirando cocaína, eu tentei trazer o mundo da era Disco, a liberdade e ter aquela alegria silenciada pela ideia de alguém poder ir ao mercado e com o mínimo de identificação comprar uma coisa pequena feita de metal que pode acabar com a vida de alguém. (World of Madame X, 2019)

A representação da violência explorada no clipe, cria um contraste e ao mesmo tempo uma ligação ao remeter também a estética musical com as obras anteriores, que se voltavam para temáticas mais leves e centradas na celebração da vida noturna. Essa estética marcante de sucessos anteriores, como "Holiday", "Deeper and Deeper" e "Music", solidificaram a imagem de Madonna como uma cantora de pistas de dança, se destacando pela exploração multifacetada da cultura pop.

A temática do videoclipe se afasta das estéticas mais festivas e comemorativas, típicas de suas fases anteriores, proporcionando uma visão provocativa e intensa, ao destacar um aspecto mais sério e engajado de Madonna, ressaltando não apenas a versatilidade da cantora, mas também sua habilidade em abordar temas sociais urgentes de maneira impactante e inovadora.

No fim do videoclipe, há uma citação de Angela Davis: “Não estou mais aceitando as coisas que não posso mudar. Estou mudando as coisas que não posso aceitar”. Mensagens contundentes surgem em um fundo preto, revelando que mais de 36 mil americanos perdem a vida anualmente devido a armas de fogo. Junto a essas estatísticas, as mensagens enfatizam a urgência do controle de armas com a frase: “*Gun control now, no one is safe*”.

God Control - Performance ao vivo

Como já citado, o padrão empregado nas turnês da cantora é uma de suas marcas. As apresentações ao vivo foram um dos instrumentos para que ela trouxesse para o *mainstream* discussões até então reservadas a nichos específicos, consolidando esse produto midiático.

A questão política não é um tema novo no repertório da cantora, *Papa Don't Preach* de 1986, já discutia a questão de aborto, por exemplo. Com o passar dos anos, o feminismo e o ativismo político foram trabalhados pela cantora, de maneiras e em plataformas diferentes.

A apresentação ao vivo de *God Control*, está presente na turnê “Madame X” e foi disponibilizada no serviço de streamings Paramount+ em 2021 e retoma essa discussão política, mais precisamente o controle de armas, de uma forma explícita. No início da performance, uma bandeira esfarelada dos Estados Unidos é projetada numa tela na frente de todo o cenário, imagens de vários protestos contra a política de armas também são mostradas. Madonna surge em meio às listas da bandeira americana, após os primeiros versos da música, ela faz um sinal de arma com as mãos apontando para a própria cabeça.

A cena do velório presente no videoclipe também é projetada no cenário, junto a cartazes de protesto reais em que se lê: *The Police Are Training To Kill Us* e *Black Lives Matter*, cenas de uma abordagem violenta a um homem negro são mostradas também. Algumas pessoas do público do show reagem fazendo o sinal de X com os braços, visto como um símbolo de protesto e resistência.

Na tela é projetado o atirador do videoclipe com sua metralhadora e um som de tiro é ouvido. A cantora se agacha, como se para desviar, é projetado um vídeo nesta tela, que “quebra”, então a tela fina em que eram projetadas as imagens no palco sobe, revelando de fato o cenário. Madonna agora aparece sem a névoa das projeções. Ela veste um figurino que lembra um soldado revolucionário, com a bandeira dos Estados Unidos nas mangas, o tecido branco da roupa está ensanguentado.

Figuras: 57, 58 e 59 - Madonna surge atrás de uma fina tela/ Madonna aparece para o público/ Cenário do palco



FONTE: Madame X Tour, 2021.

O cenário é composto por duas escadas que se encontram no centro do palco, há um globo de espelho no centro, símbolo maior da era disco dos anos 70 e 80. Todo esse cenário é também uma tela em que são lançadas as imagens.

Para percebermos que a imagética do pop não pode ser percebida sem que levemos em consideração a narrativa do artista, levantamos a questão de como a trajetória destes artistas (e as imagens que passam a ser associadas a eles em alguns momentos de suas carreiras: ora confirmando, ora negando e tensionando as expectativas de gênero musical) fomentam e são variáveis na definição imagética dos produtos em circulação. (SOARES, 2013)

A coreografia remete às pistas dos anos 70, mas também a exercícios militares, como se fossem um exército de dançarinos, se divertindo numa pista de dança.

Figuras: 60, 61 e 62 -Homem faz sinal de protesto/Cartaz de manifestação/Dançarinos são revistados



FONTE: Madame X Tour, 2021.

A polícia entra no palco, de forma abrupta, avançando contra Madonna que reage empurrando seus escudos. Após se desvencilhar, ela sobe as escadas passando pelo coral que repete a frase: *We Lost the God Control*, ao chegar no alto da escadaria ela levanta o punho cerrado e joga o chapéu em direção aos dançarinos que estão embaixo no palco.

O punho cerrado foi usado em diferentes momentos históricos, como nas Olimpíadas do México de 1968, quando Tommie Smith e John Carlos, atletas negros, protestaram silenciosamente no pódio contra a discriminação racial, no auge da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos.

Figura: 63 - Tommie Smith, John Carlos e o gesto simbólico

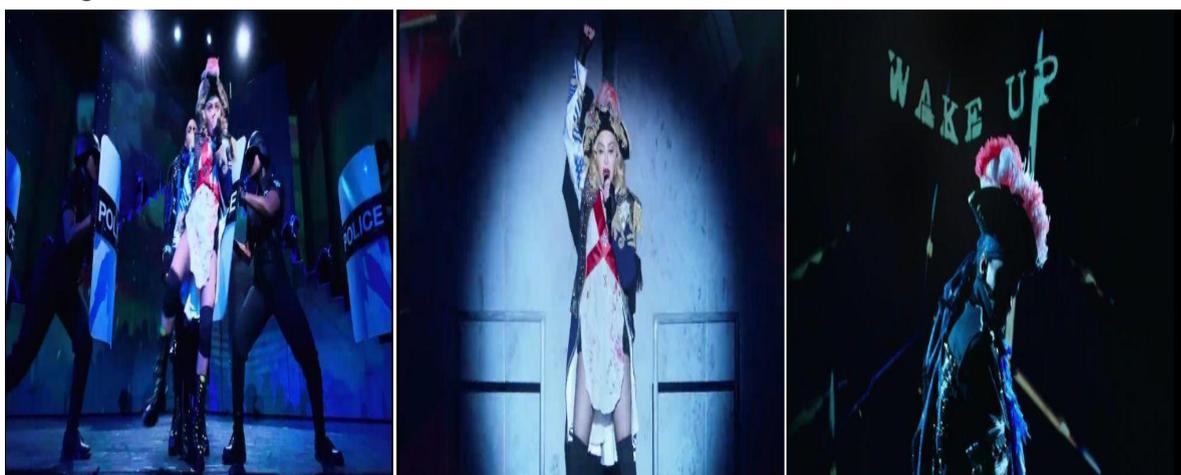


FONTE: Angelo Cozzi/Mondadori Publishers

O símbolo também já foi usado em movimentos na Nigéria e no Black Lives Matter, nos EUA, onde foi símbolo do Panteras Negras, partido revolucionário fundado por Bobby Seale e Huey Newton em outubro de 1966.

Na tela do cenário sob ela está escrito: A New Democracy, uma frase da letra da música antes da cantora sair de cena. Os policiais fecham o cerco aos "manifestantes" no palco, que são colocados na parede em posição de revista.

Figuras: 64, 65 e 66 - Madonna é empurrada pelos policiais/ Madonna faz sinal de protesto/ Mensagem Final



FONTE: Madame X Tour, 2021.

Imagens dos mortos no clipe e de violência real de policiais são sobrepostas, misturadas a cenas de protesto e lojas americanas de armas de fogo. Um dançarino fica sozinho no palco, pega o chapéu jogado por Madonna, e coloca na própria cabeça. Atrás

dele lê-se a expressão repetida inúmeras vezes na música, no videoclipe e na performance: Wake Up (Acorde).

A crítica ao belicismo acontece por conta da relação dos estadunidenses com armas de fogo. Em nenhum outro país existe essa cultura de acesso às armas, legalizada e incentivada pelas indústrias de armas. Um dos argumentos dos defensores desse direito é a segunda emenda da constituição de 1971, mas esse é um tópico complexo de ser especificado somente por conta de uma lei. A ideologia política de extremismos, o racismo estrutural e o direito de acesso às armas, criam um terreno fértil para tiroteios e massacres em massa, que ocorrem rotineiramente de escolas a boates. Apesar de toda a repercussão dos casos, a situação só piora.

A cantora parece reafirmar a importância dos temas que já foram tratados ao longo da sua carreira, mas dessa vez mais ilustrado e assertivo. A canção sintetiza os signos elencados no álbum, ao pedir uma nova democracia, saindo na dianteira dessa discussão que outros cantores do pop ainda não estão usando sua arte para trazer ao debate público.

Ao misturar o ativismo, música e arte, o videoclipe de *God Control*, juntamente com a apresentação ao vivo na turnê “Madame X”, é um manifesto político e social contra a intolerância, seja em relação a sexualidade, o gênero ou religião de outros cidadãos.

O videoclipe aciona através da arte uma reflexão acerca dos danos que a cultura armamentista traz aos cidadãos, funcionando como uma leitura visual para a decodificação dos símbolos apresentados no discurso da canção. Seguindo a tradição de tocar em temas sensíveis, Madonna desafia e provoca ao criticar de forma contundente uma convenção cultural tão enraizada no estilo de vida americano. Tema tão atual e relevante. Além de ressaltar a dificuldade em se prevenir esse tipo de terrorismo nos Estados Unidos da América, que vivem um momento de belicismo, radicalismo e intolerância, assim como o Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado ao longo do trabalho, os conceitos e a análise da performance vêm sendo usados há muitos anos para nortear o entendimento sobre as plataformas utilizadas pelos artistas. Esses produtos midiáticos, que incluem videoclipes, apresentações ao vivo e posicionamento público, não são simplesmente artefatos, mas sim amplificações complexas da identidade do artista, constituindo desdobramentos intrínsecos de sua presença midiática.

Além disso, a cultura pop, muitas vezes rotulada como mero produto de consumo capitalista, merece atenção acadêmica, pois o entendimento do que é considerado relevante pelo público serve como um indicador dos desejos e um reflexo da sociedade. Com as novas tecnologias de comunicação, redes sociais e novos modos de consumo cultural, é imperativo que os conceitos, teorias e pesquisas sobre atravessamentos estéticos se adaptem à essa realidade. A reflexão sobre as dinâmicas que permeiam esse consumo pode instigar debates sobre comportamentos, preferências estéticas e ideologias políticas.

Ao considerarmos a presença de Madonna no cenário da cultura pop, é evidente que a cantora utiliza sua produção midiática para abordar temas controversos, contribuindo para questionar tabus e discutir o conservadorismo. Essa interação visa não apenas a relevância pública, publicidade e vendas, mas também a fortificação da imagem da artista junto ao seu público. Esse posicionamento artístico, ao longo dos anos, destaca não só a adaptabilidade de Madonna, mas também a capacidade de se manter relevante ao abordar questões sociais de forma provocativa e artística, fundamentando sua presença pública na cultura visual, suas performances encapsulam os signos escolhidos para desafiar padrões estabelecidos e reafirmar sua inclinação transgressora.

Desse modo, a canção "God Control" emerge como um chamado para reflexão sobre uma nova democracia, uma necessidade urgente diante do aumento de atentados envolvendo armas legalizadas e do confronto entre pessoas que seguem ideologias políticas distintas. Ao longo de sua carreira, Madonna estabelece uma conexão entre a natureza efêmera da cultura pop e questões fundamentais e urgentes, como a violência urbana, racismo e fanatismo político.

Essa polarização, criticada em "God Control", apenas contribui para o empobrecimento de discussões, e a arte desempenha um papel crucial ao instigar mudanças, promover a tolerância ao diferente e estimular a reflexão sobre valores, ideologias e visões de mundo.

REFERÊNCIAS

Andrew Illson, Bob Semanovich, Sara Zambreno. Intérpretes: Madonna, Addison Templeton. Los Angeles: Paramount, 2019. Vídeo, son., color., 23 mm. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MbYbtrkCSvI>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ATAQUE em boate gay deixa 50 mortos em Orlando, nos EUA. **Globo G1**, [S. l.], 12 jun. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/policia-diz-que-ataque-em-boate-nos-eua-deixou-50-mortos.html>. Acesso em: 04 jul. 2022

DEL RE, Adriana *et al.* **Madonna celebra os 60 anos como uma sobrevivente as polêmicas** Estadão, 16 ago. 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,madonna-celebra-60-anos-como-uma-sobrevivente-as-polemicas-e-as-novas-tendencias,70002454081>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

DIAS, Guilherme Soares. Punho cerrado, colocado nos semáforos de SP, foi usado em diferentes momentos históricos. **Alma Preta**, [S. l.], 9 nov. 2020. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/punho-cerrado-colocado-nos-semaforos-de-sp-foi-usado-em-diferentes-momentos-historicos>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HÁ 25 anos, Madonna iniciou sua primeira turnê pelos EUA. **RollingStone**, [S. l.], 10 abr. 2010. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/ha-25-anos-madonna-iniciava-sua-primeira-turne/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

HIRSCHBERG, Lynn. The Way We Live Now: 07-08-01: Questions for Jean-Paul Gaultier; An Artist? Moi? **The New York Times Magazine**, New York, seção 3, p. 13, 8 jul. 2001. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2001/07/08/magazine/the-way-we-live-now-07-08-01-questions-for-jean-paul-gaultier-an-artist-moi.html>. Acesso em: 27 abr. 2022.

LIMA, Mariana Lins. **A estetização da política na performance de Madonna**. 118 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa em Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29794?mode=full>. Acesso em: 20 dez. 2021.

LIMA, Mariana Lins. This is show business: a cultura dos mega espetáculos pop e a invenção do “padrão Madonna”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., , 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: Intercom, 2018. Disponível

em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0515-1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Madonna Welcome to the World of Madame X. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q5AbJxTFMms&t=33s>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MADONNA acusa BBC Radio de discriminação etária depois que a música dela foi banida. **RollingStone**, [S. l.], 14 mar. 2015. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/madonna-acusa-bbc-radio-de-discriminacao-etaria-por-nao-tocar-musica-da-diva/>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MADONNA celebra os 60 anos como uma sobrevivente às polêmicas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 16 ago. 2018.

MADONNA por Madonna. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 dezembro de 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj1712200810.htm>. Acesso em: 05 jul. 2022.

MULLEN, Matt. Madonna's Now-Famous 'Like a Virgin' Performance Was Thanks to a Wardrobe Malfunction, **Biography**. 4 jun. de 2020. Disponível em <https://www.biography.com/news/madonna-like-a-virgin-vmas-1984>. Acesso em: 5 jul. 2022.

O'BRIEN, Lucy. **Madonna 50 anos**: a biografia do maior ídolo da música pop. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PALOMARES, Daniel. Há 30 anos, Madonna lançava a turnê polêmica que mudou a música pop. **Folha de São Paulo**, São Paulo, abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/04/ha-30-anos-madonna-lancava-a-turne-polemica-que-mudou-a-musica-pop.shtml>. Acesso em: 5 jul. 2022.

SIMÕES, Felipe de Paula. **Música pop como comunicação de massa: uma análise do protagonismo de Madonna e Michael Jackson na cultura pop norte americana no decênio 1982 a 1992**. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2356>. Acesso[MIFC1] em: 17 jan 2022.

SOARES, Thiago. **A estética do videoclipe**. Paraíba: UFPB, 2013.

SOARES, Thiago; POLIVANOV, Beatriz; AMARAL, Adriana. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 41, n. 1, 2018. Disponível

em:<http://www.scielo.br/pdf/interc/v41n1/1809-5844-interc-41-1-0063.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2022.

TARABORELLI, J. Randy. **Madonna**: uma biografia íntima. São Paulo: Globo, 2003.

TERRON, P. Em Recife, Paul McCartney Enfrenta Calor e “Povo Arretado”. **Rolling Stone Brasil**, [S. l], 22 abr. 2012. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/em-recife-paulmccartney-enfrenta-calor-e-povo-arretado/#imagem0>. Acesso em: 20 dez. 2021.

VILLAÇA, Renato Costa. O rock e as bases de uma cultura musical pop. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 11., 2002, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

WORLD of Madame X. Direção: Nuno Xico. Produção: Stephen Holtzhauser. . Los Angeles: Paramount, 2019. Vídeo, son., color., 01 mm. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q5AbJxTFMms>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ZUMTHOR, P. Performance, recepção, leitura. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANEXO – Música God Control

God Control - Controle de Deus

Todo mundo conhece a maldita verdade
Nossa nação mentiu, perdemos o respeito
Quando acordamos, o que podemos fazer?
Preparar as crianças, levá-las para a escola

Todo mundo sabe que eles não têm uma chance
De conseguir um emprego decente, ter uma vida normal
Quando eles falam de reformas, isso me faz rir
Eles fingem ajudar, isso me faz rir

Eu acho que entendo por que as pessoas compram armas
Eu acho que entendo por que todos nós desistimos
Todos os dias eles têm algum tipo de vitória
Sangue de inocentes espalhado em todos os lugares
Eles dizem que precisamos de amor
Mas precisamos de mais do que isso

Nós perdemos o controle de Deus
Nós perdemos o controle de Deus
Nós perdemos o controle de Deus
Nós perdemos o controle de Deus

Este é o seu serviço de despertador
Eu sou como o seu pesadelo
Estou aqui para começar o seu dia
Este é o seu alerta
Nós não temos que cair
Uma nova democracia
Deus e pornografia
Uma nova democracia

As pessoas pensam que eu sou louca
A única arma está no meu cérebro
Cada novo nascimento me dá esperança
É por isso que eu não fumo essa droga
Louca as pessoas pensam que sou
O cérebro aqui dentro é meu único amigo

Esperança me dá cada novo nascimento
Essa droga eu não fumo, é verdade

Todo mundo conhece a maldita verdade
Todo mundo conhece a maldita verdade (acorde)
Precisamos acordar, acordar, acordar, acordar
Acordar, acordar, acordar, acordar, acordar, acordar

Nós precisamos consertar, consertar, consertar
Consertar, consertar, consertar, consertar, consertar, consertar, consertar
É um assalto, sim
É um assalto
É um golpe
É um assalto

É um tipo estranho de energia
Uma coisa bizarra que acontece
Uma fraternidade anormal
E eu sinto mais que simpatia
Precisamos acordar, acordar, acordar, acordar
Acordar, acordar, acordar, acordar, acordar, acordar

Nós temos que consertar, consertar, consertar
Consertar, consertar, consertar, consertar, consertar, consertar, consertar

Todo mundo conhece a maldita verdade
Todo mundo conhece a maldita verdade
Precisamos acordar, acordar, acordar, acordar
Acordar, acordar, acordar, acordar, acordar, acordar
(Acorde)
Uma nova democracia!

Todo mundo conhece a maldita verdade
Nossa nação mentiu, perdemos o respeito
Quando acordamos, o que podemos fazer?
Preparar as crianças, levá-las para a escola
Todo mundo sabe que eles não têm uma chance
De conseguir um emprego decente, ter uma vida normal
Quando eles falam de reformas, isso me faz rir
Eles fingem ajudar, isso me faz rir

Nós perdemos o controle de Deus
Nós perdemos o controle de Deus
Nós perdemos o controle de Deus

Nós perdemos o controle de Deus
Nós perdemos o controle de Deus
(Acorde)

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/madonna/god-control/traducao.html>